

## **MOBILIDADE DE ALUNOS ENTRE ESCOLAS: INDÍCIOS DE UMA FACETA DA DESIGUALDADE EDUCACIONAL**

Luana Costa Almeida - LOED/FE-UNICAMP/FAPESP - luanaca@gmail.com  
Adilson Dalben - LOED/FE-UNICAMP - adalben@uol.com.br

**RESUMO:** O presente trabalho discute a mobilidade dos alunos entre escolas durante os anos iniciais de escolarização utilizando os dados do Projeto GERES. Nossa hipótese era que a mobilidade dos alunos poderia estar associada à escolha das famílias e seleção das escolas, todavia ao construirmos nossa análise correlacionando o Nível Socioeconômico (NSE) e a proficiência dos alunos com os dados da escola percebemos que esta não se associa de forma clara com a questão da escolha. Os dados indicam uma nova faceta da desigualdade educacional, tendo em vista que crianças de famílias de menor NSE são as mais propícias à vivenciar a mobilidade durante sua trajetória de escolarização.

### **INTRODUÇÃO**

A desigualdade social tem sido objeto de reflexão no campo teórico e de intervenção social nas diversas áreas abrangidas pelas políticas públicas. Especialmente na educação vemos emergir diversas análises em que as desigualdades sociais são analisadas em relação com as desigualdades educacionais.

O problema está no fato de que a desigualdade apresentada pela educação tem ligação direta com àquela observada entre os estratos sociais, de forma a representar a acumulação de “vantagens” ou “desvantagens” que resultam de certa reprodução/manutenção da desigualdade social mais geral, aspecto já analisado por Bourdieu (1974).

Ao buscarmos compreender a desigualdade educacional podemos observar que parte da literatura, em especial na perspectiva da sociologia da educação, tem observado

o fenômeno a partir da investigação das diferenças entre as famílias dos alunos, particularmente aquelas dos segmentos menos favorecidos, tentando compreender a configuração da relação com a escola e suas estratégias de escolarização (BRANDÃO, 2010; NOGUEIRA, 2009; ZAGO, 2010; PAIXÃO, 2006; THIN, 2006; dentre outros).

Não são poucos os apontamentos que trazem à tona uma oportunidade diferenciada de escolarização entre os diferentes grupos sociais, seja pela dificuldade que a população menos abastada enfrenta na relação com a instituição, como explicita Zago (2010), seja pela diferença nos modelos de socialização da escola e das famílias das classes populares, como destaca Thin (2006).

Todavia, há outra perspectiva de análise na investigação dessa questão que parece pertinente, seja ela a que observa não apenas a família e sua relação com a escola, mas a totalidade do entorno social no qual a escola se encontra e as famílias residem, com o objetivo de construir e analisar a realidade investigada. Como apontam Koslinski e Alves (2012, p. 806):

Partindo da conjunção das perspectivas da sociologia da educação e da sociologia urbana, alguns estudos passaram a focalizar a segregação residencial ou a organização social do território como esfera também capaz de exercer impacto sobre a distribuição de oportunidades escolares.

Nesta perspectiva, olhar para as desigualdades educacionais passa também pela análise das questões que impactam a possibilidade de vivências das famílias em um determinado território.

Essa percepção não é restrita às análises propriamente do campo da educação, um exemplo da percepção dessas correlações entre aspectos mais gerais (da família e território) e aspectos como a educação pode ser observado no desenho da política do Programa Bolsa Família, o qual articula a transferência monetária a ações complementares vinculadas à educação (matrícula e frequência das crianças em idade escolar em estabelecimentos de ensino regular).

Analisando possíveis problemas ligados à desigualdade educacional vemos surgir como fonte de investigação diferenças entre os estabelecimentos de ensino, sejam elas de cunho estrutural (prédios, ambiente físico e equipamentos das escolas), organizacional (perfil de gestão) ou propriamente pedagógica (proposta pedagógica da escola, relação ensino-aprendizagem etc.), assim como diferenças acerca da população atendida em que a discussão acerca do nível socioeconômico das famílias ocupa posição

privilegiada nas investigações por se correlacionar, estatisticamente, com parte significativa do que compõe o desempenho escolar das crianças. Como elucida Freitas (2011, p. 19), utilizando o trabalho de Waiselfis, “[...] o nível socioeconômico dos alunos é a variável que mais se correlaciona com suas notas e até 50% de sua variabilidade pode ser explicada por fatores relativos à sua comunidade e família”.

Como afirma Ben Ayed (2012) “as desigualdades no êxito dos alunos estão muito claramente vinculadas às desigualdades sociais e culturais das suas famílias” o que está inevitavelmente ligado às condições de vida em que estas se encontram e que, por sua vez, tem ligação direta com o entorno social em que habitam.

Aspecto confirmado por Koslinski e Alves (2012, p. 821) ao perceberem que “[...] na macroescala, observeu-se que os alunos que estudam em escolas localizadas em entornos menos privilegiados, que concentram domicílios de menor clima educativo, tendem a apresentar, em média, pior desempenho. [...]”.

Pensar o desempenho escolar neste contexto é pensar em diversas variáveis e analisar como a desigualdade educacional se consolida na realidade, assim como seus impactos e manifestações no cotidiano das escolas e da vida dos alunos.

Temos visto, dentre as variáveis estudadas nesta perspectiva, análises voltadas à questão da segregação escolar (CID, 2009), da oferta educacional dentro de determinados territórios (ALVES; LANGE; BONAMINO, 2010), das condições sociais das crianças para aprendizagem (LÓPEZ, 2005) que, dentre outras, impactam o desempenho educacional dos estudantes.

Neste sentido, o presente trabalho procura discutir uma das possíveis facetas da desigualdade educacional: a mobilidade dos alunos entre escolas durante os anos iniciais de escolarização.

## A DESIGUALDADE EVIDENCIADA PELO ESTUDO DA MOBILIDADE: A PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

Interessados em entender o fenômeno educacional buscando compreender os fatores que atuam na trajetória escolar das crianças de forma a elucidar não apenas como ocorre, mas de que maneira poderemos intervir na questão, temos desenvolvido em nosso grupo de pesquisa (LOED-Unicamp) diversos estudos voltados à análise do processo de escolarização.

Com a intenção de explorar os indícios que podem nos ajudar a entender como se comportam diferentes variáveis na relação com o desempenho escolar medido a partir da proficiência dos alunos em testes padronizados, dentre outras iniciativas, participamos do Projeto GERES/2005 – Estudo Longitudinal sobre a Qualidade e Equidade no Ensino Fundamental Brasileiro.

O Projeto GERES foi um estudo longitudinal de tipo painel desenvolvido no período entre os anos de 2005 e 2008, o qual coletou dados dos mesmos alunos (2º ao 5º ano) de uma amostra de 312 escolas em cinco grandes cidades brasileiras (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador, Campo Grande e Campinas). Foram medidas as proficiências em leitura e matemática de 35538 alunos e coletadas informações de contexto desses alunos, seus familiares, professores, diretores e de suas escolas, o que possibilitou a formação de um importante banco de dados acerca da realidade investigada.

O projeto objetivou mais especificamente:

- 1) identificar as características escolares que maximizam a aprendizagem dos alunos e que minimizam o impacto da origem social sobre o aprendizado; 2) identificar os fatores escolares que diminuem a probabilidade de repetência dos alunos; 3) identificar aquelas características da escola que reduzem a probabilidade do absentismo (FRANCO; BROOKE; ALVES, 2005).

A partir do banco produzido no projeto pudemos, assim como outros grupos de pesquisa das instituições envolvidas, explorar diversas possibilidades de análise, dentre elas o impacto de diferentes variáveis, destacamos o nível socioeconômico (NSE), no desempenho dos estudantes o que vem nos ajudando a compreender como se associam à proficiência ao longo do tempo.

Observando e explorando as possibilidades analíticas do banco à luz de uma discussão teórica preocupada em compreender a escola de forma complexa percebemos que nos focamos muito nos alunos que permaneceram nas escolas estudadas durante as cinco medições feitas pelo projeto, chamadas de ondas (uma no início de 2005, outra no final de 2005 e as demais ao final dos anos de 2006, 2007 e 2008), mas ainda não tínhamos buscado compreender o movimento daqueles que migram de escola.

A partir dessa percepção e inspirados pelas evidências postas pela literatura, em especial o trabalho de Waltenberg e Vandenberghe (2006) que ao analisar o fenômeno da mobilidade entre escolas na Bélgica percebeu que esta se dá de forma intencional

pelas famílias, partimos para análise dos dados acerca da mobilidade/mudança entre escolas dentro do banco de dados GERES.

Na Bélgica, diferentemente do que ocorre em grande parte das redes públicas do Brasil, segundo Waltenberg e Vandenberghe (2006), há a liberdade de escolha do estabelecimento escolar pelos pais, a qual gera uma mobilidade intensa entre as escolas e, segundo investigaram, não pode ser lida como mero movimento aleatório, dependendo dos dois lados da relação: tanto da demanda das famílias, quanto da oferta do serviço pelas escolas.

Nada nos leva a crer que os pais troquem seus filhos de escola aleatoriamente. Além disso, inúmeras variáveis candidatas a serem correlacionadas à mobilidade dos alunos devem depender do comportamento das escolas, como, por exemplo, a decisão de reprovar um aluno (idem p. 174).

Os referidos autores associam este fenômeno na Bélgica ao quase-mercado escolar, o qual distribui de forma desigual as oportunidades educacionais gerando uma diferenciação possibilitada pela escolha que produz mais uma forma de desigualdade educacional.

Associando estas evidências às análises produzidas no Brasil por autores como Alves (2010), Bruel e Bartholo (2012), Costa e Koslinski (2012) e Resende, Nogueira e Nogueira (2011) passamos a nos indagar se ao analisarmos os dados de mobilidade não poderíamos encontrar indícios dessa desigualdade a partir da escolha também em nosso banco de dados.

Tivemos como hipótese inicial a ideia de que a mobilidade dos alunos poderia estar associada à escolha das famílias e seleção das escolas gerando certo equilíbrio de procura de escolas melhor ou pior posicionadas, seja em termos de proficiência ou NSE, por famílias também melhor ou pior posicionadas, de forma a buscarem/construirmos certa homogeneização dos estabelecimentos.

Nos moldes discutidos por Costa e Kolinski (2012) supunhamos que poderia haver uma forte relação entre a escolha da escola e uma opção das famílias por estabelecimentos com determinadas características acontecendo, como indicam Bruel e Barth (2012, p. 307), “o aumento da estratificação escolar com homogeneização do alunado em termos da composição socioeconômica e/ou racial”.

Todavia, ao construirmos nossa metodologia de análise correlacionando estatisticamente o NSE das famílias e o NSE médio das escolas e também a proficiência

dos alunos e a média das escolas, para todos os alunos que permaneceram e mudaram de instituição nas diferentes ondas do Projeto GERES para todas as escolas dos municípios de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Campo Grande e Campinas<sup>i</sup>, percebemos que embora haja indícios de uma faceta ainda não explorada da desigualdade educacional, esta não se associa de forma clara com a questão da escolha como havíamos imaginado.

É importante esclarecer que em nosso recorte metodológico construímos como indicador de mobilidade as mudanças de escola (saída e entrada) realizadas pelos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental avaliados durante os quatro anos do Projeto GERES, a qual foi identificada a partir do registro da proficiência dos alunos participantes durante as cinco medições coletadas pelo projeto. Ou seja, foi a partir da constatação de saída ou entrada de alunos nas diferentes escolas que a mobilidade foi identificada e analisada.

#### DESIGUALDADE REFLETIDA NA MOBILIDADE?: A EVIDÊNCIA DOS DADOS

A partir da análise construída para o presente estudo observamos, como evidenciado na Tabela 1, que os alunos que mudam de escola (apresentam mobilidade) sempre têm menor nível socioeconômico que aqueles que permanecem na escola (não apresentam mobilidade).

**Tabela 1 - Nível Socioeconômico segundo a mobilidade entre escolas**

Alunos que	Dados entre as Ondas			
	1 e 2	2 e 3	3 e 4	4 e 5
não mudaram	0,03	0,03	0,04	0,05
mudaram	-0,13	-0,04	-0,03	0,02

O mesmo pode ser observado para os dados acerca do desempenho (Tabela 2), tanto em matemática quanto em leitura, em que aqueles alunos que permanecem na escola (não apresentam mobilidade) têm proficiência maior que os que mudam de escola (apresentam mobilidade)<sup>ii</sup>.

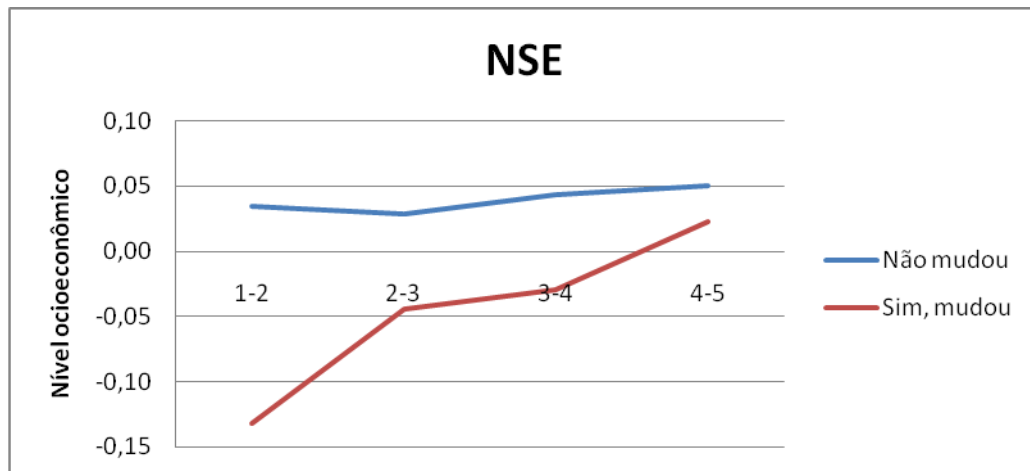
**Tabela 2 – Proficiências segundo a mobilidade entre escolas**

Dados entre as Ondas	Alunos que	Matemática		Leitura	
		Onda 1	Onda 2	Onda 1	Onda 2
1 e 2	não mudaram	107,56	137,22	107,31	126,39
	mudaram	100,69	124,60	103,57	117,05
2 e 3	não mudaram	136,52	158,86	125,89	142,42
	mudaram	126,98	135,77	117,74	131,01
3 e 4	não mudaram	156,18	199,00	140,84	156,03
	mudaram	140,17	174,22	134,64	143,65
4 e 5	não mudaram	194,18	238,61	153,49	165,96
	mudaram	187,74	221,91	151,04	160,02

Como podemos observar de forma ainda mais clara no Gráfico 1 há uma diferença substancial de NSE entre o grupo de alunos que permanece na mesma escola e aquele que muda de escola, o qual é mais acentuado entre a primeira e segunda ondas, mas contínuo durante toda a trajetória de escolarização acompanhada durante os anos de duração do Projeto.

Algo interessante de destacar é que pelos dados podemos notar que, em geral, a mobilidade dos alunos dentro de um mesmo ano apresentou-se maior que entre um ano e outro, o que são apenas indícios importantes para futuras pesquisas já que o Projeto GERES conseguiu medir a mobilidade dentro de um mesmo ano de escolarização apenas entre as ondas 1 e 2, sendo que nos demais anos a mobilidade medida englobou também as mudanças entre um ano e outro.

Gráfico 1: NSE segundo a mobilidade dos alunos entre as diferentes ondas do GERES



Estas evidências sugerem a manifestação de uma forma de desigualdade à medida que são sempre as famílias de menor NSE aquelas cujos filhos vivenciam a mobilidade, aspecto que pode ser gerado por diversos fatores de ordem pessoal (necessidade de mudança por mobilidade residencial ou laboral) ou social, seja de cunho mais geral (condições de vida em determinados bairros, necessidade de mudança decorrente à violência, como o envolvimento com o tráfico de drogas, por exemplo) ou escolar propriamente dito (dificuldade de adaptação nos estabelecimentos escolares e até abandono da escola).

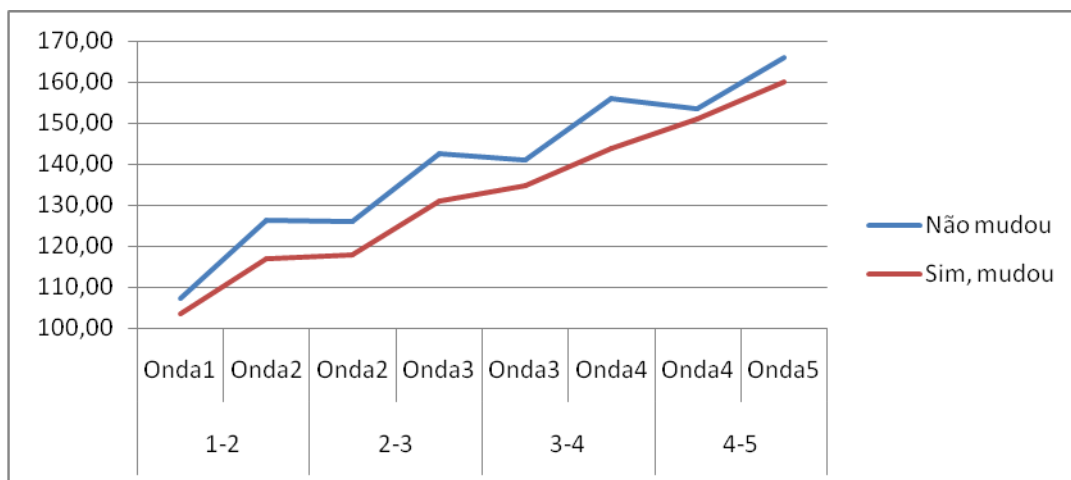
Segundo a literatura, em geral o NSE é espelhado pelo nível de proficiência alcançado pelas crianças nos testes padronizados. Este aspecto é confirmado pelos dados ora analisados à medida que vemos a coincidência de menor proficiência entre os alunos que mudam de escola (vivenciam a mobilidade), assim como observamos para o NSE. Percebemos que a mobilidade parece se associar tanto a grupos cujas famílias possuem menor NSE que a média da escola, quanto a grupos cuja proficiência também é menor em relação à média da instituição.

Como podemos observar de forma mais clara nos Gráficos 2 e 3, entre todas as ondas é possível destacar que a proficiência sofre uma influência negativa da mobilidade, já que a proficiência média dos alunos sem mobilidade é sempre maior que aqueles que mudaram de escola.

Na análise da proficiência em leitura:

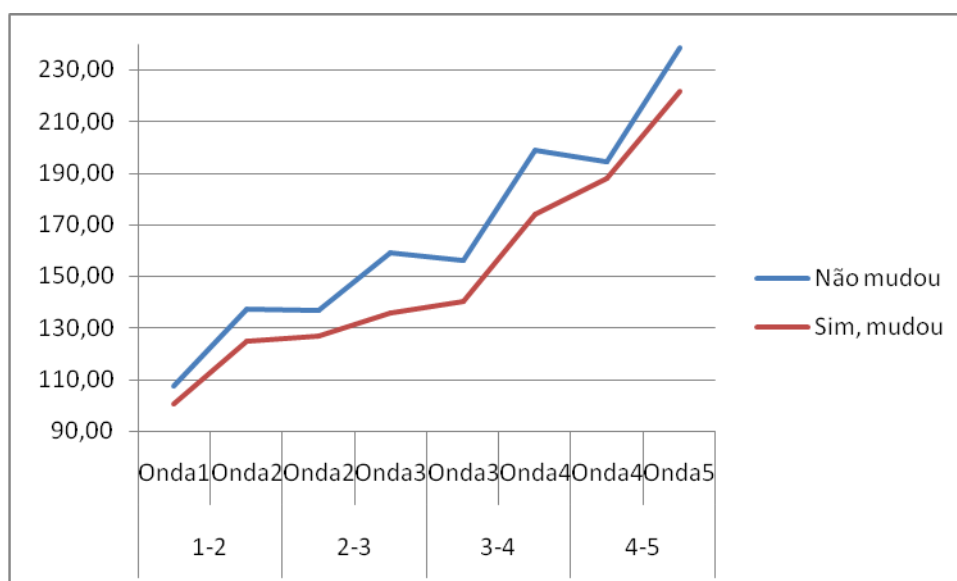


Gráfico 2: Proficiência em Leitura segundo a mobilidade dos alunos entre as diferentes ondas do GERES



Na análise da proficiência em matemática:

Gráfico 3: Proficiência em Matemática segundo a mobilidade dos alunos entre as diferentes ondas do GERES



Outro aspecto que nos chamou a atenção é que esta forma de manifestação da desigualdade é mais preocupante na população mais pobre, já que há evidências que torna razoável dizer que a mobilidade dentro das escolas públicas é maior que nas escolas especiais e privadas, como destacado na Tabela 3:

Tabela 3: Mobilidade entre as ondas por rede de ensino

<b>Onda 1-2</b>				
	ESPECIAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PRIVADA
não mudou	846 (99,5%)	4648 (89%)	8880 (91,3%)	2843 (95,6%)
mudou	4 (0,4%)	570 (10,9%)	838 (8,6%)	128 (4,3%)
<b>Onda 2-3</b>				
	ESPECIAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PRIVADA
não mudou	845 (92%)	5155 (78,8%)	9206 (78,1%)	2958 (86,2%)
mudou	73 (7,9%)	1380 (21,1%)	2576 (21,8%)	470 (13,7%)
<b>Onda 3-4</b>				
	ESPECIAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PRIVADA
não mudou	865 (93,3%)	4439 (80,4%)	8332 (68,6%)	2376 (84,4%)
mudou	62 (6,6%)	1079 (19,5%)	3803 (31,3%)	438 (15,5%)
<b>Onda 4-5</b>				
	ESPECIAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PRIVADA
não mudou	892 (90,7%)	4018 (77,3%)	9389 (76,2%)	2239 (84%)
mudou	91 (9,2%)	1174 (22,6%)	2921 (23,7%)	424 (15,9%)

Considerando que a separação entre redes de ensino por si já reflete a diferenciação entre as famílias evidenciada a partir da análise do NSE médio destas, sendo a Privada e Especial as de maior NSE médio e as Estadual e Municipal as de menor NSE médio, fica claro que são os grupos menos favorecidos os mais susceptíveis à mobilidade, a qual por sua manifestação, expressa nos dados anteriormente discutidos, traz indícios de uma faceta da desigualdade social e escolar, cujos mecanismos de atuação necessitam ser melhor investigados tendo em vista que pelas limitações metodológicas deste trabalho não temos dados apropriados para fazer tal análise.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A investigação acerca da mobilidade de alunos entre diferentes escolas nos possibilita ver como indício a manifestação de mais um processos de desigualdade social e escolar, isso porque evidencia que as crianças das famílias menos favorecidas

(de menor nível socioeconômico) são aquelas mais propícias à vivenciar a mobilidade durante sua trajetória de escolarização.

Não encontramos evidências claras de que a escolha dos estabelecimentos pelas famílias esteja associada de forma direta à mobilidade dentro da amostra analisada como havíamos pensado, todavia há de se explicitar que não temos dados suficientes para compreender a razão desta mobilidade, nos limitando apenas a fazer a correlação desta com as variáveis “NSE e Proficiência”, o que por um lado revela uma relação importante, mas por outro coloca como necessidade para aprofundamento da análise uma coleta de dados que objetive especificamente e essencialmente conhecer as razões que levam a esta mobilidade.

Analisando o que indicam Waltenberg e Vandenberghe (2006, p. 179-181, grifos dos autores) quanto à oferta do ensino pelas escolas, em que afirmam que a diferenciação entre as escolas se dá tanto “*horizontalmente* – isto é, não se localizam todas no mesmo local; não praticam o mesmo tipo de pedagogia, não oferecem o mesmo currículo”, quanto “*verticalmente* – ou seja, diferenciam-se na *qualidade* do ensino que oferecem”, percebemos que o fato de as famílias menos favorecidas serem as mais susceptíveis à migração entre estabelecimentos de ensino pode significar uma diferenciação da qualidade obtida a partir do processo de escolarização de seus filhos, o que sem dúvida revela uma faceta ainda inexplorada e, pelas limitações de nosso banco de dados apenas indicada, de outras conhecidas formas de desigualdade observadas nas análises da realidade escolar.

---

<sup>i</sup> Excluímos Salvador de nossa amostra já que a partir de uma decisão metodológica inicial dos pesquisadores do pólo o grupo de alunos pesquisado não participou da última onda (2008) do projeto.

<sup>ii</sup> Note que a proficiência média na Onda 2, tanto em matemática, quanto em leitura, assume valores diferentes nas transições entre as ondas 1 e 2 e entre as ondas 2 e 3. Essa diferença é justificável pelo fato de que essas duas medidas não são feitas para a mesma amostra de alunos. Enquanto que na Onda 2, na transição entre as Ondas 1 e 2 estão os alunos que entraram na Onda 2, na transição entre as ondas 2 e 3 estão aqueles que saíram na Onda 2. O mesmo fenômeno ocorre nas demais medidas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F; LANGE, W; BONAMINO, A. A geografia de oportunidades educacionais na cidade do Rio de Janeiro. In RIBEIRO, LCQ et al. (orgs.). **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ, 2010.

ALVES, M T G. Dimensões dos efeitos das escolas: explorando as interações entre família e estabelecimentos de ensino. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v 21, n 46, p. 271 – 296, 2010. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1578/1578.pdf>. Acesso em: novembro de 2011.

BEN AYED, Choukri. As desigualdades socioespaciais de acesso aos saberes: uma perspectiva de renovação da sociologia das desigualdades escolares? **Educação e Sociedade**. V. 33, Nº 120, p. 783-803. Campinas: jul-set, 2012.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRANDÃO, Zaia. Sucesso e fracasso escolar no contexto das relações família e escola. In SANTOS, L L C P [et al] (orgs). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRUEL, A. L.; BARTHOLO, T. L. Desigualdade de oportunidades educacionais na rede pública municipal do Rio de Janeiro: transição entre os seguimentos do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação**. V. 17, N. 50, pp. 303-328, maio-ago, 2012.

CID, Gabriel da Silva Vidal. **Segregação urbana e segmentação escolar**: efeitos do lugar num equipamento público de ensino no interior de um condomínio fechado no bairro da Barra da Tijuca. 100p. Mestrado. UFRJ, 2009. Disponível em: <http://www.ippur.ufrj.br/download/pub/GabrielDaSilvaVidalCid.pdf>. Acesso em maio de 2012.

FRANCO, C; BROOKE, N; ALVES, F. Estudo longitudinal sobre qualidade e equidade no ensino fundamental brasileiro: GERES 2005. **Ensaio: Avaliação, Política Pública e Educação**. Rio de Janeiro: v. 16, n. 61, Dezembro de 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362008000400008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000400008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 Nov. 2009.

FREITAS, L C. Responsabilização, meritocracia e privatização: conseguiremos escapar ao neotecnicismo? **III Seminário de Educação Brasileira**. Campinas: CEDES, 2011.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; ALVES, Fátima. Novos olhares para as desigualdades de oportunidades educacionais: a segregação residencial e a relação favela-asfalto no contexto carioca. **Educação e Sociedade**. V.33, N 120, p. 783-803, Campinas: jul-set, 2012.

LÓPEZ, N. Educación y equidad. Algunos aportes desde la noción de educabilidad. In HERNÁIZ, I.; CHÁVEZ, E. S.; VILLARÁN, V. (orgs.). **Educación y desarrollo local: tensiones y perspectivas**. Reflexiones sobre experiencias en la región andina. Buenos Aires: IPEE-UNESCO, 2005.

NOGUEIRA, M. M. [et al.]. A influência da família no desempenho escolar: estudo de dados da Geração Escolar 2005. **Revista Contemporânea de educação**, v. 4, n. 8, p. 379-396. Belo Horizonte, 2009.

PAIXÃO, L. P. Compreendendo a escola na perspectiva das famílias. In MÜLLER, M. L. R.; PAIXÃO, L. P. (orgs.). **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

RESENDE, T. F.; NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 117, pp.953-970, out-dez, 2011.

THIN, D. A. D. Famílias de camadas populares e a escola: confrontação desigual de modos de socialização. In MÜLLER, M. L. R.; PAIXÃO, L. P. (orgs.). **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

ZAGO, Nadir. O fracasso no contexto da relação família-escola. In SANTOS, L L C P [et al] (orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.